




Alexandre Venancio de SOUZA*

 <https://orcid.org/0000-0002-1189-5781>


Katia das Neves GARCIA**

 <https://orcid.org/0000-0003-3767-8686>

Thiago Henrique Muniz MORILHA***

 <https://orcid.org/0000-0001-8237-5495>

Carol Godoi HAMPARIAN****

 <https://orcid.org/0000-0001-7051-5171>

Recebido em: 17 de fevereiro de 2021

Aprovado em: 21 de junho de 2021

**CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS ACERCA DO LUTO E DA
MELANCOLIA****PSYCHOANALYTICAL CONTRIBUTIONS TO MOURNING AND
MELANCHOLY****RESUMO**

A temática do luto e melancolia é demasiadamente importante no estudo psicanalítico e tem sido estudada desde o criador da psicanálise, Sigmund Freud, até autores contemporâneos que acrescentaram e revisaram as ideias iniciais. A perda do objeto de amor propicia ao indivíduo a experiência do luto, enquanto, na melancolia, o estado de sofrimento psíquico se dá a partir da perda ou danificação dos objetos internos sem, necessariamente, a perda de um objeto real. Os estados de luto e melancolia desencadeiam sofrimento psíquico, podendo inclusive levar o indivíduo ao patológico. O presente estudo tem como objetivo elucidar elementos presentes no luto e na melancolia e o processo de elaboração psíquica, utilizando como recurso artístico o filme *Melancholia* (2011) do diretor dinamarquês Lars Von Trier, articulando as teorias psicanalíticas acerca do tema, seus desdobramentos e consequências psíquicas. Para isso, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica. A análise dos mecanismos encontrados na personagem Justine da obra de Lars Von Trier e suas vivências subjetivas dos processos ligados à melancolia permite avaliar importantes aspectos sobre a identificação melancólica e a temática da perda de objeto e investimentos afetivos com o mundo externo. Conclui-se que a melancolia, apesar de apresentar aspectos patológicos e prejuízos no campo afetivo e social, pode possibilitar potencialidades e saídas criativas em situações de desamparo diante da possibilidade de finitude humana, enquanto no processo de elaboração do luto envolve a escolha de um objeto substituto.

Descritores: Luto. Melancolia. Cinema. Psicanálise.**ABSTRACT**

The mourning and the melancholy issues are profoundly important for psychoanalytic study, and it has been studied from the creator of psychoanalysis Sigmund Freud to contemporary authors who added and revised the first concepts. Losing beloved ones results in the mourning experience to the individual, whereas in melancholy the suffering mental feeling comes from losing or damaging internal objects, without necessarily losing a real object. Mourning and melancholy conditions trigger mental suffering and may even lead the individual to a pathological condition. The present study aims at elucidating mourning and melancholy elements, and the psychic elaboration process, using the film *Melancholia* (2011) by the Danish director Lars Von Trier as an artistic resource, articulating the psychoanalytic theories about the issue, outcomes, and psychic consequences. In this regard, the literature review was used as a methodology. The analysis of the mechanisms found in the character Justine of Lars Von Trier's artwork, and his subjective experiences of the processes related to melancholy, allows us to evaluate important aspects as concerns melancholy identification and the loss of object issue and affective investments with the external world. It is concluded that melancholy, despite presenting pathologic aspects and damages for affective and social areas, may provide potentialities and creative results for abandon situations when facing the possibility of human finitude, whereas in the natural mourning stage involves the displacement mechanism.

Descriptors: Mourning. Melancholy. Movie theater. Psychoanalysis.

* Discentes de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica do Centro Universitário de Votuporanga – Unifev, alexandre.venancio@hotmail.com

** Discentes de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica do Centro Universitário de Votuporanga – Unifev, katiavevesgarcia@hotmail.com

*** Aluno Regular do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranãba, vinculado à linha de pesquisa Linguagem, Educação e Cultura. Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul - Unifunec. thiagomorilha3@yahoo.com.br

**** Mestre, Docente e coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica: O Sujeito Contemporâneo do Centro Universitário de Votuporanga – Unifev, E-mail: carolgh3@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A temática do luto e melancolia é demasiadamente importante no estudo psicanalítico e tem sido estudada desde o criador da psicanálise, Sigmund Freud, até autores contemporâneos que acrescentaram e revisaram as ideias iniciais. A perda do objeto de amor propicia ao indivíduo a experiência do luto, enquanto, na melancolia, o estado de sofrimento psíquico se dá a partir da perda ou danificação dos objetos internos sem, necessariamente, a perda de um objeto real. Os estados de luto e melancolia desencadeiam sofrimento psíquico, podendo inclusive levar o indivíduo ao patológico e/ou desenvolvimento de transtornos depressivos que, a cada ano, crescem nas estatísticas da saúde pública no mundo todo.

O luto é uma reação à perda de uma pessoa amada ou de uma representação que ocupe o lugar de objeto amado, como exemplo, o país, a liberdade ou mesmo um ideal¹. O autor afirma que o luto jamais deve ser compreendido como um estado patológico da mente, mas natural, de modo que não deve ser indicado tratamento a ele, mas que se deve suportá-lo durante um período de tempo confiando que este estado é natural e deve ser vivenciado pelo indivíduo, inclusive, alterar esse estado normal pode ser considerado inapropriado e prejudicial. Diferentemente, nos quadros de melancolia, onde se suspeita que haja uma predisposição patológica e em que os sintomas são semelhantes aos do luto.

Lidar com a perda decorrente da morte de uma pessoa querida é uma experiência marcante no ciclo vital do gênero humano. É uma vivência que pode deixar marcas profundas de difícil cicatrização e exigir mudanças drásticas na percepção e organização da vida cotidiana. Aceitar a finitude da vida e a destruição dos objetos internos – na melancolia - como partes de um processo natural de desenvolvimento pressupõe a aceitação da própria finitude e abrir mão da fantasia de continuidade e da imortalidade. Essa experiência pode se tornar dolorosa acompanhada de muito sofrimento e tristeza, mas, sem dúvida, será uma experiência transformadora que precisa ser significada e elaborada através do processo do luto.

O modelo de elaboração do luto apresentado por Freud (1915/2010), no texto “Luto e Melancolia”, tornou-se o referencial teórico inicial sobre o tema, tornando clássico em psicanálise o destino possível de uma perda amorosa ou de um ideal: a elaboração do trabalho de luto (a recuperação da libido e a volta ao interesse no mundo externo) ou o fracasso dessa elaboração e a queda na melancolia².

É necessário um verdadeiro trabalho psíquico de perda, tarefa lenta e dolorosa através da qual o eu não só renuncia ao objeto, dele se desligando pulsionalmente, como se transforma,

se refaz no jogo com o objeto. Trata-se, fundamentalmente, em “Luto e Melancolia”, de conceber o eu como um trabalho de perda do objeto³.

Embora o modelo de elaboração do luto apresentado por Freud tenha sido criticado por pesquisadores subsequentes de abordagem psicanalítica e não psicanalítica que estudaram esse fenômeno, o texto tornou-se o pilar referencial sobre o qual teorias a respeito do tema foram construídas. Os aportes introduzidos pela Teoria das Relações Objetivas, Teoria do Apego e fenômenos e objetos transicionais, respectivamente^{4, 5, 6}, contribuíram para o esclarecimento de que o luto consiste em um processo de ressignificação e transformação da relação com o objeto perdido, tarefa que permite sua elaboração⁷.

2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo é elucidar elementos presentes no luto e na melancolia e o processo de elaboração psíquica, utilizando como recurso artístico o filme *Melancolia* (2011), do diretor dinamarquês Lars Von Trier, articulando as teorias psicanalíticas acerca do tema, seus desdobramentos e consequências psíquicas⁸.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica da temática luto e melancolia, tendo por base o texto publicado por Sigmund Freud em 1915. Utilizou-se de bases de dados eletrônicas “Biblioteca Virtual em Saúde - BVSaúde” e “SciELO” para pesquisa dos artigos com as palavras “Luto e Melancolia”, “Cinema” e “Psicanálise”. Na base de dados BVS, foram encontradas 8 publicações e, na SciELO, 8 publicações. Os artigos foram lidos e selecionados tendo por critérios de inclusão a relação com o objetivo da pesquisa e publicação nos últimos dez anos, enquanto que os critérios de exclusão foram artigos publicados em outros idiomas e artigos publicados há mais de dez anos e que não retratavam uma abordagem psicanalítica acerca do luto, após a realização desses critérios, foram selecionados 5 artigos para realização deste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Aspectos conceituais de luto e melancolia

Freud (1915/2010) afirma que o quadro da melancolia se caracteriza pelo aparecimento da sensação de um doloroso abatimento, perda do interesse pela relação com o mundo externo,

incapacidade de demonstrar amor e redução da autoestima, sensações estas que aparecem em forma de culpa, distorções da própria imagem de forma depreciativa do eu e desejo de punição¹. De maneira muito semelhante a este quadro clínico, apresenta-se o luto, com uma diferença que, no luto, a autoestima não aparece reduzida. No processo de luto, a perda do objeto amado gera desinteresse pelas atividades cotidianas, redução da capacidade de escolher, momentaneamente, um substituto como objeto de amor, emoções dolorosas e consideradas normais visto que há grande quantidade de libido investida no objeto, porém, com a perda do falecido, este investimento não lhe retorna em mesma quantidade energética.

Ainda com relação ao luto, o autor assegura que a realidade comprova ao indivíduo que o objeto amado não existe mais, exigindo que toda a energia libidinal seja retirada desse objeto¹. A experiência clínica tem mostrado o fato de que as pessoas não gostam de abandonar objetos que outrora foram fontes de prazer e gratificação, mesmo diante da possibilidade de escolha de um substituto e, nesse momento, para dar conta de enfrentar a realidade, há um desejo psicótico de afastamento da realidade e fixação momentânea no objeto perdido, posteriormente, observa-se que, com o tempo, os investimentos libidinais são capazes de serem investidos em novos objetos naturalmente. Observa-se que, no luto, a realidade vence. Verifica-se que, na melancolia, o objeto amado não deixou de existir, não morreu e, em muitas situações, foi perdido como objeto de amor, fala-se de uma natureza do ideal, a sensação de abandono de um cônjuge ou o sentimento de rejeição dos pais, entre vários outros exemplos que poderiam ser citados. De fato, a melancolia refere-se a uma perda de objeto que não se encontra à consciência, mas em elementos inconscientes que continham sua representação no objeto perdido, enquanto que, no luto, a perda é real.

O autor continua ainda afirmando que a melancolia se apresenta com um fato que a diverge do luto, a autoestima, enquanto, no processo de luto, o mundo exterior torna-se pobre e desinteressante, a melancolia é caracterizada pelo empobrecimento do próprio eu, ou seja, há um desinteresse de investimento libidinal no eu e desinteresse em si próprio. O melancólico descreve-se como um sujeito sem valor, sem qualidades, incapaz de ser e realizar algo bom e, em todas essas características, nota-se a presença da culpa e dos sentimentos de rejeição e de castigo. O indivíduo perde o próprio eu e, em geral, suas queixas não se direcionam a objetos externos, mas aos objetos internos, em uma comparação com a morte, fala-se de uma morte do próprio eu¹.

A insatisfação destacada pelo eu nos quadros de melancolia refere-se a aspectos físicos, incapacidades, inferioridades sociais, ao passado. O indivíduo avalia que nunca conseguiu ser

bom em algo e é possível que tenha boas razões para esse sofrimento e o que se destaca é a perda do amor-próprio. O autor afiança que as autoacusações expressas pelo doente se referem, na maioria das vezes, a aspectos do eu e, em outros casos, com pequenas alterações, referem-se às pessoas que ele ama, amou ou sente que deveria amar e, de modo geral, culpa-se por não as amar¹.

Na melancolia, há uma relação entre o sujeito e o objeto amado, quando, por algum motivo real, há um grave conflito nessa relação. A reação normal seria a libido ser retirada do objeto que decepcionou o sujeito e ser investida em um outro objeto. Mas, o que acontece no melancólico é um quadro bastante diferente desse. O indivíduo cancela a libido direcionada ao objeto e a recua ao eu, porém essa energia não encontra nenhuma utilização, fazendo com que sirva para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado e é como se a ofensa ou decepção do objeto amado tornassem o eu pobre, desmerecido e com desvalia. Portanto, o eu, para não lidar com a perda, desejaria incorporar os elementos do objeto amado, conforme a fase oral do desenvolvimento psicosexual da libido por meio da voracidade e da devoração canibalista, representada nos fenômenos introjetivos, o que pode ser relacionado à perda de apetite e recusa de alimentação nos casos graves do estado de melancolia¹.

Nos quadros clínicos da melancolia, observa-se uma ligação entre as características do luto e da regressão, escolha narcísica de objeto para o narcisismo¹. De um lado, tem-se o luto, as reações frente à perda do objeto amoroso e desinteresse pelo mundo exterior, do outro lado, há fortes ambivalências em relação ao objeto que, ao mesmo tempo, ama-se e odeia-se. A perda do objeto amoroso é uma ótima alternativa para que predomine o amor, como ocorre na formação reativa, por exemplo.

Assegura-se ainda que a autodepreciação presente no melancólico corresponde ao funcionamento psicodinâmico da neurose obsessiva compulsiva, à satisfação do sadismo e do ódio ao objeto que agora voltam-se contra o próprio eu¹.

Em termos sintomáticos, a insônia apresenta-se, nos casos de melancolia, na impossibilidade de retirar os investimentos que o sono necessita, ou seja, o indivíduo não consegue desprender-se dos objetos que necessitam de energia psíquica¹. O estado mental funciona como uma ferida aberta que extrai todas as energias de investimento do sujeito até o esvaziamento e empobrecimento completos do eu, a ponto de o indivíduo perder o interesse em dormir.

A melhora dos quadros de melancolia ocorre, quando o indivíduo é convencido pela realidade e pelas satisfações narcísicas a romper o vínculo com o objeto eliminado¹. À medida

que a realidade se apresenta contrária à existência da relação objetual e traz como verdade que o objeto não mais existe, seja uma pessoa ou um ideal, o quadro clínico passa a apresentar melhoras. Deste modo, uma explicação simplificada é que a representação inconsciente do objeto perdido é abandonada pela libido e, assim como no luto, deve ocorrer de uma maneira gradual, em um processo demorado. No funcionamento psicodinâmico do melancólico, há a presença de aspectos obsessivo-compulsivos, que se manifestam como num jogo de amor e ódio, e se voltam para o próprio eu, travando uma verdadeira batalha para se desligar do objeto, e os aspectos amorosos voltam-se à libido contra esse ataque. Todo este processo do melancólico encontra-se no sistema inconsciente na região dos traços mnêmicos da representação das coisas, em oposição ao investimento das palavras.

4.2 Análise do filme *Melancholia*

O filme *Melancholia* (2011) narra acontecimentos que envolvem a vida de duas irmãs, Justine (Kirsten Dunst) e Claire (Charlotte Gainsbourg), em um momento em que existe a ameaça iminente de um planeta chamado Melancholia se chocar com a Terra. O diretor, Lars Von Trier, divide o filme em dois capítulos e dedica cada um deles a uma das irmãs⁸.

No primeiro capítulo, intitulado "Justine", é apresentada a sequência em que ocorre a festa de casamento da personagem, que junto ao noivo tem dificuldades de chegar ao local da festa, destoando o meio de transporte utilizado, uma limusine sofisticada, com a estrada de acesso rudimentar e íngreme na qual, entre juras de amor, abandonam o carro e partem a pé para a mansão de sua irmã Claire, local da festa. A partir daí começa-se a perceber que Justine vai ficando cada vez mais alheia ao que acontece ao seu redor. A irmã e o cunhado que patrocinaram a festa passam a cobrar de Justine uma adequação às formalidades da ocasião, mas ela se apresenta incapaz de atender aos pedidos, tamanha sua apatia e distanciamento. Seu mergulho em uma profunda depressão vai ganhando contornos cada vez maiores e qualquer esboço de alegria se apresenta fugaz e superficial.

Evidencia-se, nessa parte do filme, uma crítica do diretor ao mundo contemporâneo, em que as normas sociais tornam-se a única forma de expressão do ser humano em detrimento de seus sentimentos. Um rompimento desses padrões, ou seja, o distanciamento que a personagem Justine vai apresentando dessas convenções no decorrer da festa de seu casamento seria o início do seu adoecimento ou um rompimento que denuncia toda a falácia desse modo de vida?

Inferir que esse distanciamento acontece num momento em que a verdade subjetiva encontra contornos cada vez maiores e Justine não consegue mais alienar-se nesta forma de viver enganosa parece algo a ser considerado. Referindo-se à festa de casamento, em uma cena, sua irmã lhe pergunta: “Mas não era isso que você queria?” ao que Justine responde: “Sim, era”.

Pode-se pensar, nesse sentido, sobre como as formas contemporâneas de sofrimento estão perpassadas pela superficialidade de uma vida sem sentido. Para Winnicott (1975), os aspectos saudáveis do porvir da natureza humana estão relacionados à capacidade de existir e de se sentir real⁶. A partir do viés da saúde, concebe-se a experiência de sofrimento psíquico como um fenômeno singular, existencial e essencialmente humano que consiste na impossibilidade de se sentir verdadeiramente vivo e real. Embora Justine tenha adquirido certa autonomia tanto profissional quanto afetiva, fica evidente que essas relações se apresentam superficiais e instáveis.

Conforme a narrativa avança, percebe-se que algo que era muito frágil se rompe. O discurso dos pais se apresenta como momento crucial de ruptura no qual Justine não consegue mais desempenhar sua máscara social, de modo que, nos discursos que se desenrolam no filme, são apresentados um pai impessoal e uma mãe amarga e a incapacidade de oferecer à filha a continência necessária.

Assim, seus pais, nas cenas em que aparecem, sugerem figuras que pouco puderam e podem dar sustentação a Justine. A mãe não vai à cerimônia da filha, alegando que não acredita na instituição do casamento. Seu pai é apresentado como um homem indiferente, com vários relacionamentos inconsequentes e, mesmo diante do pedido da filha para que ele fique para conversar com ela na manhã seguinte, deixa um bilhete se referindo a ela com “Betty”, nome que se direciona a todas as mulheres, comunicando que foi embora com uma carona.

A festa é marcada por discursos conflitantes na família, em que os olhares das irmãs mostram como cada uma lida com a situação. Enquanto Claire se constrange com sua família, ela impõe a Justine que não faça uma cena, explicitando o quanto o olhar social do outro é importante e as aparências precisam ser preservadas.

Nesse ponto, é importante ressaltar que foi a partir do estudo sistemático de pacientes portadores de sofrimento psíquico que Freud introduziu uma série de conceitos que até hoje são a base para a ciência psicanalítica e constituem elementos fundamentais para a compressão da vida mental do ser humano: a existência do inconsciente, as resistências, a transferência, a importância dos sonhos e da livre associação como via de acesso ao material reprimido, a

instituição das instâncias psíquicas (id, ego e superego), o uso de defesas contra a angústia, como a clivagem, dentre outras⁹.

É interessante notar que todos esses conceitos têm o papel de levar à compreensão de um mundo interno com fantasias e desejos que interferem na percepção que cada personagem faz da realidade objetiva, constituindo a realidade psíquica.

Considerando os dados apresentados no filme sobre a relação de Justine com seus pais, podem-se utilizar os estudos de Melanie Klein no seu trabalho com crianças que ampliam as descobertas de Freud⁴, considerando que a criança, ao contrário do que Freud acreditava, se relaciona com objetos desde o nascimento e, com isso, desenvolve a teoria das relações objetais e chega aos estágios primitivos do desenvolvimento humano.

Suas descobertas do início do desenvolvimento humano acerca das posições esquizoparanoide e depressiva mostram que existe uma forma não integrada de se relacionar que a autora chamou de posição esquizoparanoide. Essas relações estabelecidas são realizadas com partes de seus objetos, com sentimentos e ansiedades cindidos e absolutos, podendo sentir-se a mãe ora como objeto bom e idealizado, ora como mal e persecutório. Os impulsos que a criança sente com relação a seu objeto são projetados dentro deste e o objeto é então absorvido, introjetado, já colorido por esses impulsos projetados⁴.

Melanie Klein (1991) chamou de identificação projetiva a fantasia de excindir e projetar impulsos e partes do self dentro do objeto, um mecanismo normal no início do desenvolvimento que tem importantes funções defensivas, como por exemplo, excindir seus sentimentos violentos e senti-los como externos, se livrando de perturbação, como também em sua fantasia penetrar e controlar o objeto para evitar qualquer consciência de separação⁴. Segundo Joseph Betty (1951) a teoria kleiniana considera o narcisismo não como uma fase anterior às relações de objeto, mas “uma fase para qual o indivíduo retorna, na qual se sente que o self ou o corpo contém um objeto idealizado e é em direção a este self que se dá o recolhimento”¹⁰ (p. 164).

Acredita-se que, no desenvolvimento normal, se observa uma crescente integração à medida que a criança se desenvolve e os mecanismos de cisão e projeção vão diminuindo e vai aumentando a sua capacidade de permanecer em contato com seus sentimentos ambivalentes de amor e ódio e perceber o objeto e a si mesma de forma inteira, ou seja, que a mãe que frustra e a que o afaga são a mesma pessoa⁴. Esse momento corresponde ao início da consideração de culpa e do desejo de reparação consistindo na posição depressiva.

Essas ideias norteiam rumo à tentativa de compreensão do aparelho psíquico de Justine que reedita, através de seu casamento, suas experiências precoces em que se observa uma

integração precária, sendo que sua capacidade em permanecer em contato com seus sentimentos ambivalentes de amor e ódio foi desenvolvida com muito esforço, pois sua agressividade não foi acolhida pelo olhar de seus pais. Caso essa continência materna falhe, os resultados relacionam-se com dificuldades do bebê de alcançar representações de si mesmo diferenciadas das representações da mãe ou partes dela, constituindo uma situação bastante afastada de si mesmo. Justine adocece, pois mais uma vez seus pais não puderam conter suas angústias, tão primitivas, ficando fortes resquícios na sua vida adulta.

Para confirmar essa hipótese, Bowlby (1982), autor que se dedicou aos estudos sobre o desenvolvimento humano precoce através de pesquisas, pondera o quanto o sofrimento psíquico do adulto está intimamente ligado as suas primeiras fases de desenvolvimento e enfatiza a importância vital de uma relação estável e permanente com uma mãe (ou mãe substituta) amorosa durante toda a infância e o quanto a ambivalência da criança deve ser tolerada e aceita⁵. Numa relação de instabilidade, as chances de a criança desenvolver a capacidade de administrar o conflito resultante da ambivalência em sentir amor e ódio pela mesma pessoa são prejudicadas, podendo causar o luto patológico, que é a incapacidade para expressar abertamente esses impulsos para reaver e recriminar a pessoa perdida. Esses impulsos ficam cindidos.

Assim como as defesas que Justine usava para manter uma fachada de equilíbrio, o casamento se mostrou um fracasso. Diante da cena de maior intimidade do casal, ela não consegue a entrega necessária para que uma relação madura se estabeleça, pedindo ao marido para passear no jardim e, em seguida, fazendo sexo selvagem com um convidado da festa, mostrando que apenas impulsos podem emergir de forma imediata e superficial. O marido a deixa na noite do casamento. É interessante notar como seu mundo mental primitivo é ativado no seu casamento, em que seu noivo, apesar das tentativas, se apresenta incapaz de compreendê-la e acolhê-la, assim como fez seus pais.

A segunda parte do filme, "Claire", focaliza a vida da personagem, casada com um marido rico que gosta de explicar tudo de maneira científica, que junto com seu pequeno filho Léo reside numa propriedade no campo. O contexto se passa diante da informação de que um planeta chamado Melancolia está em rota de colisão com a Terra e, paralelamente, mostra Claire dispensando os cuidados do banho, dando comida, a sua irmã Justine, que chega a sua casa num quadro de depressão profunda. O filme mostra, de forma comovente e realista, o processo de desinvestimento do eu, em que a identidade de Justine e o senso de relação com o mundo e consigo mesma se tornam desligados, desfocados. A forma como o diretor conduz o filme de forma lenta e pesada é proposital e provoca o espectador a sentir como uma pessoa em processo

de luto patológico sente a distorção do mundo, o tempo desacelerado, o corpo, antes tão fácil de se mover, se tornando pesado.

Há uma forte ligação do melancólico com seu ânimo debilitado, com o fracasso e com os aspectos masoquistas comandados pela pulsão de morte¹¹. Desse modo, a narrativa descreve uma permanente angústia e tristeza de Justine e Claire e aspectos odiosos e cruéis de sua mãe, emoções presentes no quadro clínico da melancolia descritos por Freud que se assemelha a um luto que nunca termina.

Os autores analisam também que o filme *Melancholia* de Von Trier apresenta um movimento de oscilação entre vivências e emoções no que se refere aos opostos entre sentido e não sentido, proximidade e distância, ruptura e continuidade, intimidade interpessoal e catástrofe impessoal¹¹. Segundo os autores, a iminente colisão do planeta Melancholia com o planeta Terra faz emergir ansiedades de aniquilamento e um forte movimento ambivalente entre os personagens no que se refere ao estreitamento e distanciamento nas relações afetivas entre as irmãs Justine e Claire¹¹.

Em relação ao planeta Melancholia que está vindo em direção à Terra, embora seja apresentado um consenso de que não existe perigo da colisão, Claire tem acesso a outras versões na internet e começa a ficar preocupada, sendo acalmada pelo marido, porém, à medida que o tempo passa, novos indícios de perigo vão se materializando e Claire fica totalmente desesperada com a possibilidade da tragédia.

Observa-se, nesse capítulo, sua parte saudável, que sofre pelo fim do mundo, pelo seu filho não poder crescer. Nesse contexto, quanto maior o desespero de Claire, mais sua irmã Justine se recupera de seu estado de depressão profunda. Ela não tem nada a perder, o fim do mundo parece significar para ela o fim do sofrimento e ela vai reagindo a sua doença, lidando com tranquilidade diante da tragédia iminente.

Klein e Herzog asseguram que a condição de desamparo é predominante no discurso do melancólico, que assume a condição de porta-voz das emoções que transitam ainda em estágio larvário e que, por suas características regressivas, é capaz de atuar como um radar e captar os primeiros sinais do ambiente externo, para tanto, vale ressaltar que a melancolia representa uma perda não do externo, mas dos objetos internos¹². Com isso, pode-se observar a narrativa em que apenas Justine se mantém calma diante da iminente morte. Para o melancólico, não há o que perder em termos exteriores, mas sim, a nível egoico.

A psicanalista Maria Rita Kehl, em sua análise sobre as depressões na modernidade, analisa uma pequena gravura feita por Albrecht Dürer, *Melancholia I* (imagem 1 - Anexo),

durante o século XVI¹³. Partindo dos debates intelectuais que se propunham a analisar a obra, Kehl discorre que

A representação da melancolia na gravura de Dürer simbolizaria o abatimento do indivíduo, essa formação subjetiva que começa a brotar a partir do Renascimento, em busca de uma imagem de si mesmo diante do espelho do universo, que também se tornara enigmático. Tal figura parece perdida em divagações, cercada por instrumentos científicos de mensuração e conhecimento do universo: um compasso, uma ampulheta que marca a passagem do tempo, mapas do mundo que se ampliara a partir dos descobrimentos, formas geométricas, um grande livro sobre os joelhos e, às suas costas, um quadrado mágico onde se inscreve a esperança de sintetizar a harmonia do universo. Seu olhar ensimesmado não se dirige a nada nem a nenhum desses objetos; antes sinaliza o abatimento ante a incapacidade de (tudo) saber.¹³

5 CONCLUSÃO

Trazendo um comparativo entre a gravura de Albrecht Dürer (1514) e a análise do filme *Melancholia* (2011), abre-se uma discussão para a subjetividade de Justine e sua relação com o planeta Melancholia, percebe-se que seu ensimesmamento adquire certo “conhecimento” quanto mais o planeta se aproxima. “Eu sei das coisas”, afirma Justine para sua irmã, pouco antes da chegada de Melancholia ao planeta Terra, se referindo ao fato de os seres humanos serem maus, pensando uma harmonia do universo onde a vida sobre a Terra apenas causa desequilíbrios. Ao interpretar os sintomas de Justine como uma possível crítica às instituições sociais, representadas no filme pelo ritual do casamento, nos protocolos de uma festa que lhe demanda que vista uma máscara de sorrisos e às cobranças produtivistas de seu chefe, Justine apresenta que a vida na Terra, do ponto de vista social e cultural, é maligna.

Claire, por outro lado, percebe sua fragilidade humana, sua impotência em ajudar e fazer algo pelo filho e seu sofrimento é arrebatador. No final, percebe-se uma Justine recuperada, ajudando a irmã e o sobrinho. Ela faz um abrigo imaginário de gravetos para acalmar o sobrinho diante da certeza do final do mundo. O mundo acaba no filme e o que fica dele, além de uma sensação de intenso desconforto, é tentar buscar reflexões acerca do que significa um fim de um mundo interno, como reagir a ele e o modo como as novas configurações da sociedade contribuem para uma vida empobrecida de afetos e vínculos sociais, em que a depressão chega para denunciar que não é a morte que amedronta, mas sim, viver uma vida sem sentido.

Conclui-se que é imprescindível que a clínica psicanalítica atual possa refletir sobre como as formas de subjetivação contemporâneas estão interligadas pelo discurso do poder e da norma aceita socialmente. A saída melancólica de Justine rompe com o determinismo social que

exige uma forma de resposta adequada ao jogo social, permitindo uma saída criativa próxima da verdade para essa personagem. A contribuição na clínica refere-se a uma forma de atuação diante do paciente com um olhar não focado na patologia, no déficit, ou na medicalização indiscriminada, e sim na potencialidade criadora que o sujeito melancólico pode atingir. Ressalta-se que este estudo não pretende concluir uma análise a cerca do filme ou mesmo da temática, portanto, sugere-se a continuidade de estudos para uma questão importante a ser trabalhada.

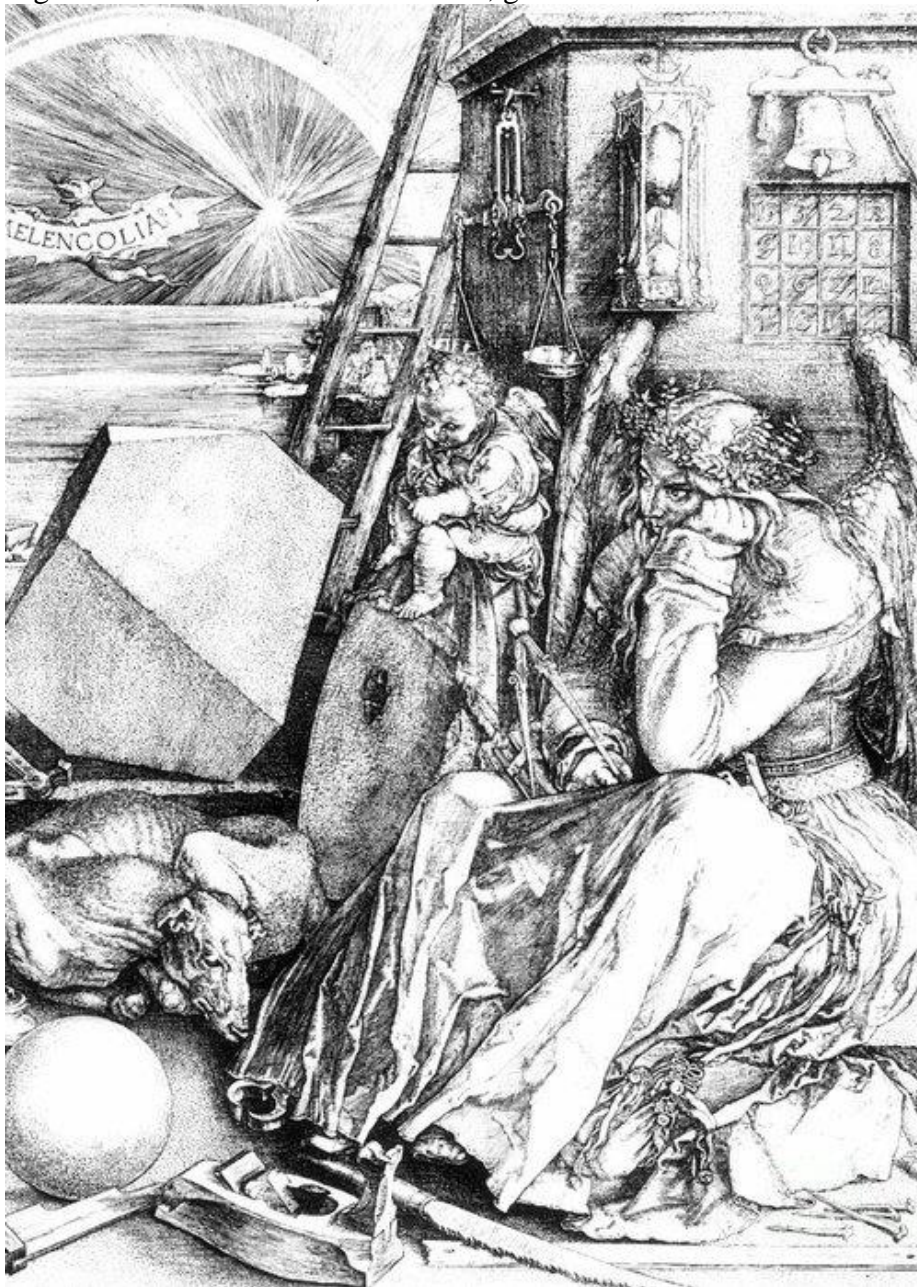
REFERÊNCIAS

- 1 Freud, S. Luto e Melancolia (1917[1915]). p.170-194. *In*: Freud, S. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 2 Mendlowicz, E. O luto e seus destinos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [Internet]. 2000;3(2):87-96. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982000000200005>.
- 3 Rivera, T. Luto e melancolia, de Freud, Sigmund. *Novos estudos CEBRAP* [Internet]. 2012;(94):231-237. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000300016>.
- 4 Klein, M. Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. *In*: _____. Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 44-63. (Obras Completas Melanie Klein, v.3).
- 5 Bowlby, J. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes, 1982. Disponível em: https://www.academia.edu/25732167/Livro_Forma%C3%A7%C3%A3o_e_Rompimento_dos_La%C3%A7os_Afetivos_John_Bowlby
- 6 Winnicott, D. W. (1967). The location of cultural experience. *The International Journal of Psychoanalysis* (Internet), 48:368-372. Disponível em: <https://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.048.0368a>
- 7 Mazorra, L. A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto. 2009. 265 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15837>
- 8 Melancolia [filme]. Produção de Lars Von Trier. Intérpretes: Kirsten Dunst, Charlotte Gainsbourg, Alexander Skarsgård, Kiefer Sutherland. Dinamarca, 2011.
- 9 Freud, S. O ego e o id, e outros trabalhos (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- 10 Betty, J. Relações objetais na prática clínica. Em: Rocha Barros, E. Melanie Klein: evoluções. São Paulo: Escuta, 1951.

- 11 Garcia D., Rocha G. M. Melancolia de Lars Von Trier - aspectos éticos e estéticos. Rev. Clini Caps. [Internet] 2012;(n. 17). Disponível em: https://clinicaps.com.br/clinicaps_revista_17_art_04.html
- 12 Klein T., Herzog R. A melancolia em Lars Von Trier e a psicanálise. Psicol. Clin. [Internet] 2018;30(1):129-145. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A07>.
- 13 Kehl M. R. O Tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo, Ed. Boitempo, 2 ed. 2015.

ANEXO

Figura 1 – Melancolia 1, ano de 1514, gravura de Albrech Dürer.



Fonte: Wokipedia. Melancolia I. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Melancolia_I